

FUI ABDUZIDO POR BLADE RUNNER 2049

Marcus do Rio Teixeira

Quando assisti pela primeira vez o *Blade Runner* original, dirigido por Ridley Scott, o impacto foi muito forte. Saí do cinema atordoado, consciente de que havia presenciado um divisor de águas no cinema de ficção científica. Leitor de Philip K. Dick, logo percebi que o filme não seguia a premissa do seu livro *Do androids dream of electric sheep?* (“Será que os androides sonham com carneiros elétricos?”). Ao contrário da narrativa de Dick, na qual o protagonista, o detetive Rick Deckard, enfrenta os replicantes, seres artificiais destituídos de empatia que são os vilões da história, o filme retrata estes como rebeldes ante a sua condição de escravos. Quanto a Deckard – vivido no filme por Harrison Ford –, apesar de eficiente no seu trabalho de eliminar replicantes fugitivos, ele é inferior aos seus alvos – atrapalhado, serve de saco de pancadas dos replicantes e só escapa de morrer: a) por pura sorte; b) por ajuda de terceiro; c) porque um replicante decide deixá-lo viver.

Além, disso, ele é uma marionete da polícia (que o usa contra sua vontade) e, por trás desta, da Corporação Tyrell, que não deseja propaganda negativa do seu produto. Já os replicantes possuem uma nítida superioridade moral, pois se rebelam contra seus criadores e se arriscam a morrer lutando pela sua liberdade. Em uma leitura hegeliana, eles são os verdadeiros senhores, pois não temem a morte. Para Nietzsche, seriam a encarnação do super-homem, além das limitações humanas.

Ao contrário do que se imagina hoje em dia, *Blade Runner* não foi bem recebido na sua estreia. Um crítico norte-americano escreveu na época que em dois anos (sic) ninguém se lembraria do filme. Esse recorde de tolice foi superado por um jornalista de um caderno cultural brasileiro que, pretendendo ridicularizar o crescente culto dos fãs (na linha “não-se-deve-curtir-o-que-está-na-moda”), citou seu colega do hemisfério norte como prova de que o filme não possuía qualidades. Como os seres humanos visam superar uns aos outros na imbecilidade, já existem espertinhos na mídia criticando *Blade Runner 2049* por ter “pouca ação” (sic).

A estreia da sequência foi precedida por uma expectativa proporcional à importância do filme de Scott. O receio óbvio era que Denis Villeneuve usasse os elementos da trama original para criar um filme banal, atulhado de efeitos especiais. A criação do novo diretor surpreendeu até os mais otimistas. Sua obra presta homenagem ao filme original, sem tentar simplesmente emulá-lo. Os sentidos são agraciados pelas imagens e sons. A fotografia belíssima nos faz passar do ambiente urbano, denso, superpovoado, ultratecnológico – fiel à estética de Scott, o qual, aliás, é agora produtor executivo – aos subúrbios de amplos horizontes na forma de fazendas e lixões. A trilha sonora, composta por Hans Zimmer, Jóhann Jóhannsson e Benjamin Wallfisch, é pontuada por pequenas citações de Vangelis, e opressiva nos momentos em que a narrativa também o é.

As citações explícitas e ocultas feitas por Villeneuve ao filme de Scott fornecem material para entreter os fãs durante décadas. Seu número é muito grande para listar aqui, porém é impossível não mencionar algumas: os olhos – tema recorrente no primeiro filme – são destaque em várias cenas, mas acima de tudo no personagem Niander Wallace (Jared Leto), o industrial que substituiu o falecido Tyrell; o exame da peça de madeira por

um especialista africano evoca a análise da escama de cobra (que, segundo contam, foi substituída por uma folha de *Cannabis*) feita por uma asiática; a entrada no refúgio de Deckard possui ares da entrada deste no apartamento de J. F. Sebastian; *last but not least*, a prostituta replicante é idêntica a Pris, na roupa e na aparência. A atriz finlandesa Krista Kosonen parece uma cópia – sem intenção de fazer piada – de Daryl Hannah. Ah! Sim! E a ponta de Gaff (Edward James Olmos) é um presente aos fãs.

Se a rebelião dos replicantes era o tema do filme de Scott, neste ela também está presente, mas desta vez é sobrepujada por um tema maior: a *paternidade* (acerca deste tema não é possível entrar em detalhes sem dar *spoilers*). Lembremos apenas que a paternidade já se faz presente no primeiro filme, no famoso diálogo entre Roy Batty (Rutger Hauer), o líder dos replicantes rebeldes, e o dr. Eldon Tyrell (Joe Turkel), seu criador, que se dirigem um ao outro como “pai” (*father*, ou talvez *fucker*) e “filho pródigo”. No filme atual, o novo criador de replicantes, indagado se tem filhos, responde: “Milhões!”.

Outra questão crucial no filme de Scott era a natureza do personagem Deckard: afinal, ele era um ser humano ou um replicante dotado de memórias implantadas para acreditar que era um *blade runner*, um caçador de andróides? Scott defende a segunda alternativa, e sua versão do diretor inclui uma cena a mais para provar esta hipótese. Mas há quem discorde, entre eles ninguém menos que Harrison Ford. Sem dar *spoilers*: os fãs ficarão ao mesmo tempo surpresos e decepcionados. Neste filme, porém, esta não é uma questão para o novo *blade runner*, o policial “K” (Ryan Gosling): ele tem plena consciência de que é um replicante, um *skinjob* (termo pejorativo pelo qual os humanos se referem aos replicantes) mas não se angustia com isso. Confrontado com a questão de como se sente matando os da sua espécie, responde que os da sua espécie não fogem, somente os modelos antigos.

Permeando esses temas há o amor. Lembremos de que no primeiro filme trata-se do amor de Deckard e Rachel (Sean Young), um homem – segundo a hipótese de Harrison Ford – e uma replicante, uma mulher artificial. Um amor entre espécies, portanto, que desafia barreiras e enfrenta o poder. No novo filme, o amor de K e Joi (interpretada pela atriz cubana Ana de Armas) consegue, digamos, levar ainda mais longe a noção de “artificial”. Isso não impede Joi de ser amorosa, dedicada e preocupada com a felicidade do seu parceiro. O fleumático K, que enfrenta as mais difíceis situações com o ar de quem sabe que não foi criado para ter afetos, sai do sério por essa mulher que não existe. Isso daria uma discussão longuíssima entre os seguidores daquele psicanalista francês. Quem sabe, voltarei a falar dessa questão.

Na década de 90, quando parei de contar quantas vezes já havia assistido *Blade Runner* – no cinema, em VHS e em DVD – havia chegado a 50 (cinquenta) vezes. Somente meu amigo Marcelo Nova, que eu saiba, bateu esse recorde. De lá para cá, devo ter assistido talvez um número equivalente. O novo filme de Denis Villeneuve merece ser visto pelo menos o mesmo número.